

Problemas econômico-sociais do estudante
por Virgílio da Silva Leves, à Fac. Letras
de Lisboa

13



Vivemos uma época em que a matéria procura dominar o espírito, a máquina tenta esmagar o homem e o capital consegue ainda amesquinhar o trabalho.

Sob a inclemência duma burguesia exploradora e dum capitalismo usurário, de há muito condenados pela Igreja, os estudantes universitários, em vários aspectos da sua vida, encontram-se desprotegidos e acicamente espoliados.

Longe de suas famílias, vindos das terras mais longínquas, oriundos das classes mais diversas, com as mentalidades mais estranhas, as posses e a experiência da vida mais desiguais, aportam às cidades universitárias.

Os preços da alimentação, o aluguer dos quartos, as mensalidades das pensões e das casas particulares são exorbitantes.

A alimentação é insuficiente e a qualidade é precária.

Os estudantes universitários são elementos sociais mal alimentados.

À excepção dos bons quartos sã acessíveis aos protegidos da fortuna, os quartos dos universitários, na generalidade, são doentios, sem ar e sol; interiores, sem casa de banho; distantes das Faculdades, comendo-se num lado e dormindo-se noutro; mais parecem sótãos, alcovas ou tugúrios onde se pernoita furtivamente, que lugares de silêncio e de estudo, com as mínimas condições de higiene e de convívio, onde se forjem as amizades mais firmes e mais leais que nem os tempos saibam destruir ou as distâncias consigam separar.

Por outro lado, apesar de algumas iniciativas parciais, a assistência médico-farmacêutica é praticamente inexistente.

Onde estão os serviços de análises e de enfermagem, de sífilografia, de estomatologia, e de oftalmologia? Onde estão os serviços de cirurgia, de micro radiografia, e os pavilhões universitá-

rios nos Hospitais, apesar de tantos médicos, e policlínicas e de três Faculdades de Medicina? Onde estão? Não respondo.

Além de tudo isto, o problema da cultura integral do universitário parece estar ausente dos princípios da Universidade. Não existem directrizes, faltam planos, escasseiam realizações.

Que fazer?

Considerando que à face da actual Constituição se procura formar um estado orgânico.

Considerando que os estudantes universitários são uma força viva da Nação, constituindo quase uma classe, pelo número e pela qualidade, com interesses e aspirações comuns, propomos:



I

Elaboração dum plano geral de organização dos universitários, sem excluir a hipótese da sua representação na Câmara Corporativa ou na própria Assembleia Nacional.

II

Organização dum plano de carácter económico, social e cultural, compreendendo:

1 - A realização de inquéritos anuais obrigatórios, para conhecimento do número de universitários casados, dos que trabalham, e dos que precisam de quarto e pensão.

2 - arrendamento de casas completas a proprietários e sublocação dos quartos mobilados a estudantes.

3 - criação de cantinas modelo, em lugares adequados, com pessoal qualificado e ementas racionalmente elaboradas (1).

(1) - Uma cantina bem administrada dá lucros. Os prejuízos são fruto do roubo ou da falta de chefia.

4 - Protecção aos economicamente débeis afastados de suas famílias, através de facilidades para obtenção de empregos ou subsídios de alimentação, alojamento, livros ou propinas (1).

5 - inclusão de um "adicional" de propinas para assistência médico-farmacéutica.

6 - organização de excursões nacionais e ultramarinas para conhecimento da nossa Terra e do nosso Povo (2).

7 - realização de ciclos de palestras, debates e conferências; recitais de poesia; orfeões, tunas e grupos cenográficos; organização de sessões de cinema e de teatro, concertos, e emissões radiofónicas, exposições de pintura, desenhos, selos, fotografia, artes gráficas, livros de curso, jornais, revistas e peças de teatro de universitários.

8 - formação de bibliotecas de cultura geral, criação dum jornal, duma revista, duma revista anual, duma revista de um universitário e de aulas de deontologia profissional, seminários de convívio entre mestres e alunos e cursos de oratória.

Enfim - a realização do ideal: a construção rápida e inadiável de autênticas cidades universitárias.

Terminando

À sombra da Igreja conquistamos a nossa independência, e sob o pendão de Cristo, alargamos o território, rasgamos os oceanos, criamos o Brasil, fizemos Cristandade.

Nunca um passado tam nobre exigiu tanto a uma geração Nova.

(1) - Os Centros Universitários da M.P. têm feito alguma coisa neste sentido. Aqui lhes rendo a justiça merecida.

(2) - Disse um grande mentor de nossos dias: "Conhecer implica um princípio de amor. É preciso conhecer e amar Portugal"



É dever do escol de hoje tomar o facho do passado e transmiti-lo mais nobre e engrandecido à geração vindoura.

O Povo português é católico por tradição, por sentimento, pela Fé.

O escol vive o catolicismo do povo, mas cumpre esclarecê-lo com a cultura e a razão.

Mais do que nunca, nos tempos modernos, a defesa duma causa exige o conhecimento reflectido dos seus princípios e a participação activa dos seus defensores na luta contra o inimigo comum, conhecido ou dissimulado.

Que vale dizermo-nos católicos, pregando a caridade e vivendo o egoísmo, o egoísmo selvagem do não te rales, do deixa correr, do cada um governe-se, do salve-se quem puder?

Que vale dizermo-nos católicos se não formos capazes de responder às dúvidas mais simples dum incrédulo ou ao ataque mais ténue dum ateu?

Fundação Cuidar o Futuro

O ateísmo militante é uma realidade dos nossos tempos.

Mas só o espírito domina a matéria, só a vontade dos homens forja a História.

Os inimigos da Igreja são os nossos próprios inimigos.

E nós católicos não podemos ver e fechar os olhos, não podemos ouvir e tapar os ouvidos. Estamos em perigo, estamos em causa, estamos em cheque.

O perigo exige acção e sacrifício. Acção e sacrifício até sermos os primeiros, até ocuparmos as primeiras linhas, até conquistarmos os postos mais avançados, onde mais vivo fôr o perigo e mais dura for a batalha.

Acção e sacrifício. E com fé e coragem, a alegria a espelhar-se no olhar, saibamos sorrir à vitória que nos sauda, tanto mais doce, quanto mais amarga.

Vigilio Fernandes de Loba Junior
(Loba)



CONCLUSÕES

1 - Elaboração dum plano geral de organização dos universitários sem excluir a hipótese da sua representação na Câmara Corporativa ou na Assembleia Nacional.

2 - Realização de inquéritos anuais obrigatórios para conhecimento do número de universitários casados, dos que trabalham, e dos que precisam de quarto e pensão.

3 - Criação de cantinas modelo.

4 - arrendamento de casas a proprietários e sublocação dos quartos mobilados a universitários.

5 - Protecção aos economicamente débeis, afastados de suas famílias, através de facilidades para obtenção de empregos, subsídios de alimentação, alojamento, livros ou propinas.

6 - criação dum adicional de propinas para assistência médico-farmacéutica.

7 - organização de excursões nacionais e ultramarinas, para conhecimento da nossa terra e do nosso povo.

8 - realização de ciclos e palestras, debates e conferências, recitais de poesia, orfeões, tunas e grupos cenográficos; sessões de cinema; e teatro; concertos, emissões radiofónicas; exposições de pintura, desenhos, selos, fotografia, artes gráficas, livros de curso, jornais, revistas e peças de teatro de universitários.

9 - formação de bibliotecas de cultura geral, criação dum jornal, dum revista, do manual católico universitário e de aulas de deontologia profissional, seminários de convívio entre mestres e alunos e cursos de oratória.

10 - Realização do ideal: construção rápida e inadiável de autênticas cidades universitárias.

Vigilho Fernandes da Silva

